

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

ETNO
GRAFIA
PORTU
GUESA

VOL. V

Reimpressão fac-similada da edição de 1982

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

ETNOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS ETNOLÓGICAS DO MESMO AUTOR

ETNOLOGIA: forma os volumes v e vii dos *Opúsculos*, onde se reproduzem todos os trabalhos menores do autor, alguns deles inéditos.

Divide-se (esta colecção) em duas séries: série 1.^a, Época lusitana; série 2.^a, Época portuguesa.

HISTÓRIA DO MUSEU ETNOLÓGICO, 1915.

RELIGIÕES DA LUSITÂNIA, 3 volumes, 1897-1913.

ENSAIOS ETNOGRÁFICOS, 4 volumes, 1891-1910.

TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL, 1882.

POESIA AMOROSA DO POVO PORTUGUÊS, 1890.

SIGNUM SALOMONIS, 1918.

A BARBA EM PORTUGAL, 1925.

A FIGA, 1925.

ROMANCEIRO PORTUGUÊS, 2 volumes, 1958-1960.

CONTOS POPULARES E LENDAS, vol. I, 1964.

Em preparação:

ETNOGRAFIA PORTUGUESA, vol. VI.

CONTOS POPULARES E LENDAS, vol. II.

CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

ANUÁRIO DAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS, 1 volume, 1882.

REVISTA LUSITANA, 38 volumes.

BOLETIM DE ETNOGRAFIA (publicação do Museu Etnológico), 5 números.

ETNOGRAFIA

PORTUGUESA

TENTAME DE SISTEMATIZAÇÃO

PELO

D.^{OR} J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOLUME V

ORGANIZADO

POR

M. VIEGAS GUERREIRO

COM A COLABORAÇÃO

DE

ALDA DA SILVA SOROMENHO

E

PAULO CARATÃO SOROMENHO

PREFAÇÃO

DE

O R L A N D O R I B E I R O



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

1982

Prefação

Na *Notícia introdutória* do volume IV —o primeiro preparado quase inteiramente a partir das notas e planos de J. Leite de Vasconcellos— deu-se uma ideia do espólio literário por ele deixado e das dificuldades da sua utilização. Pede-se ao leitor que a releia antes de passar os olhos pelo que vem a seguir. Aí se anuncia a publicação integral do plano minucioso da «Vida tradicional portuguesa» — propósito de que se desistiu uma vez que ele constitui a própria «tabuada metódica das matérias» do presente volume e dos seguintes. Calculam-se mais dois para concluir este Livro III da *Etnografia*: a orientação e a execução de todos eles serão idênticas e não parece descabido dizer algumas palavras a propósito.

As matérias do IV volume ou estavam completamente elaboradas pelo autor ou constituíam apenas um amontoado informe de notas, verbetes e planos, que não poderia publicar-se tal qual. Perante esta heterogeneidade das diferentes partes, M. Viegas Guerreiro não hesitou em retomar os assuntos, ampliando-os com informação actualizada, de modo que pudesse dar-lhes um tratamento completo, sem quebra da unidade do volume; donde resultou afinal que os capítulos mais apressados e fragmentários são os que Leite de Vasconcellos ainda redigiu! Conexo

com a História, grande parte deste longo *livro* acerca de «O Povo Português» constitui hoje uma obra de base e de consulta, tendo renovado, à luz duma documentação ampla e duma sistematização rigorosa, grande extensão das matérias que trata.

Com o presente volume entra-se na parte, por assim dizer, *nuclear* da Etnografia—aquela a que autores de visão mais restrita entendem geralmente limitá-la: *a vida tradicional*. Leite de Vasconcellos, dentro dum conceito muito pessoal e muito lato da *etnografia* dum povo, fá-la preceder do estudo da terra e do próprio povo, isto é, do condicionamento da sua base espacial e do seu desenvolvimento histórico. Por um lado, a etnografia não se restringe ao saber do vulgo e aos objectos da vida material de emprego popular, mas ao conjunto de usos e de conceitos que constituem a civilização dum país, desde a larga base da gente de condição humilde até às classes superiores, mais sensíveis à vida de relação e, pelas ideias e coisas que recebem e elaboram, em comunicação constante com aquele substrato popular e actuantes sobre ele. Por outro lado, *terra, povo e história* não foram «arrumados» na portada desta grande obra apenas como capítulos liminares, mas tomados como fios condutores da elaboração que, a cada passo, os lembra ou desenvolve. Daí o âmbito das indagações, a utilização, quase permanente, do antigo e do actual —pois que, dentro do conceito evolutivo do autor, «o presente provém do passado»—, a referência tanto a formas de vida tradicionais como às novidades que nelas se vêm inserindo, ao vulgo como à gente das classes superiores, que conserva (às vezes ocultando-as) as mesmas usanças que ele. Num longo «excurso sobre o corno» refere o autor que ele também se encontra escondido em muitas casas de Lisboa, que um lojista do Chiado («centro da capital!») o

usava para desempatar os negócios demorados, que tanto se pode ver pendurado em carros de bois como em camiões de transporte, sempre com o mesmo fim de proteger ou propiciar.

Quando Leite de Vasconcellos começou a reunir materiais etnográficos já estes estudos eram cultivados entre nós, embora de maneira fragmentária e, não raro, por amadores de boa vontade que nem sempre possuíam preparação científica adequada. O enorme contributo trazido pelo Mestre da nossa Etnografia reside tanto na massa de material acumulado (basta comprar o seu *Romanceiro* ou os *Contos e Lendas* com as colectânes similares de Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Consiglieri Pedroso) como pelo cuidado havido na sua disposição sistemática. Esta *apareceu* às vezes muito cedo no espírito do autor: datam de 1882 as *Tradições Populares de Portugal*, ordenadas de forma original e com grande rigor quando Leite de Vasconcellos não possuía outros títulos além de simples «aluno da Escola Médica do Porto», tinha apenas 24 anos e não havia frequentado ainda qualquer centro científico internacional. Algumas matérias insertas no presente volume continuam dispostas em obediência aos mesmos critérios; por isso, não raro se remete para aquela distante obra da juventude. No plano inicial, pensava Leite de Vasconcellos completá-la com outro volume —*No Lar e no Adro*— que ordenaria os fastos da vida quotidiana no seu tríplice aspecto: o indivíduo, a família e a sociedade. Protelado por outros empreendimentos, tal projecto foi certamente o embrião e a mais remota concepção de conjunto da grande obra da sua longa e operosa velhice.

A colheita de materiais etnográficos pode dizer-se que dura a vida inteira do autor; se só aos 18 anos, quando veio estudar para o Porto, tomou consciência de que as

usanças e ideias do povo poderiam ser matéria de Ciência, o seu tesouro de informação ascende à infância e à adolescência, à participação na vida aldeã como moço já sisudo, duma família de muita nobreza e poucas posses, bem enraizada nos costumes da terra; aqui ou além (e não sem emoção para o autor) aparece uma reminiscência da Uca-nha ou de Mondim, exemplificando ou preenchendo uma alínea do seu plano. A obra situa-se assim num período muito lato de observação e de recolha, de três quartos de século, durante o qual a vida moderna, depois de instalar-se triunfante nas cidades, foi penetrando cada vez mais fundo no campo. Alguma coisa do que foi para Leite de Vasconcellos ainda actual pertence hoje ao passado da sua longa existência e dos vinte e cinco anos que transcorreram desde o seu desaparecimento, pois cada vez são mais rápidas as transformações que caracterizam a nossa época. Comprazendo-se embora na evocação do «bom tempo antigo», por mais de uma vez Leite de Vasconcellos esteve atento a elas e lhes concede, na obra, alguma atenção.

Todos os volumes da *Vida Tradicional* ficarão certamente muito aquém do que o autor tinha imaginado. No acervo de notas, informações alheias, recortes de jornal, etc., existem lacunas e desigualdades de material, de tal modo que é impossível preencher os quadros do *plano* de maneira equilibrada: publicou-se o que se encontrou ou o que pôde aproveitar-se, umas vezes dando forma literária aos apontamentos, outra ordenando-os como simples enumeração; no primeiro caso utilizou-se, sempre que possível, a própria redacção de Leite de Vasconcellos. Não pareceu exequível o tratamento dado a algumas matérias do IV volume, pois isso equivalia (embora manuseando os apontamentos e planos do autor) a fazer uma obra inteiramente nova e diferente da que ele tinha desejado. Também não se actualiza-

ram bibliografias, ordenando-se apenas as indicações que o autor teve à mão. Uma ou outra vez, os organizadores do volume inseriram as suas próprias informações, quando vinham a propósito e constituíam visível complemento do assunto. Depois do desaparecimento de Leite de Vasconcellos, sobre alguns dos temas aqui tratados apareceram trabalhos importantes que, pelas mesmas razões, não são referidos ou aproveitados. Sobressaem os de Jorge Dias e do seu grupo (especialmente acerca de formas materiais da vida rural) e os estudos filológicos e etnográficos de Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, Lindley Cintra, investigações originais ou por eles suscitadas entre alunos. O curioso destas matérias não desconhecerá estas notáveis contribuições para uma Etnografia portuguesa e não estranhará também que elas superem —pelo seu âmbito restrito e pelas exigências actuais da Ciência— a recolha inicial do nosso grande pioneiro. Mesmo assim, afigura-se-nos que, tanto pela generalidade como pela autenticidade dos materiais, a colheita de José Leite de Vasconcellos durante a sua longa vida científica merecia ainda ser divulgada. Ultrapassada em alguns temas, não o foi porém nem na disposição sistemática, nem no conceito e no âmbito da matéria, nem ainda na abundância, por vezes exaustiva, da informação; tenha-se ainda em conta que muito do que ele referiu e recolheu já não seria acessível ao investigador actual.

*

M. Viegas Guerreiro, além da organização geral da obra, ocupou-se da *Parte I—Nascimento e infância; entrada nas lutas da vida* e do capítulo sobre *Vida rural* da *Parte II*. Só o seu entusiasmo por uma tarefa que imaginou e começou a executar sozinho e a sua esclarecida dedicação per-

mitiram que este volume se aprontasse e que esteja já adiantada a preparação do seguinte. Com ele colaboraram Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, que trataram dos seguintes assuntos da *Parte II: actividades de carácter primitivo; sequência evolutiva de algumas indústrias; caça, pesca, criação de animais e pastoreio*. Também se ocuparam da elaboração dos índices.

Agradece-se ao Instituto de Alta Cultura ter mantido a situação de equiparado a bolseiro a Manuel Viegas Guerreiro e ter atribuído uma pequena bolsa de estudos a Alda da Silva Soromenho; exauridas as verbas da testamentaria, pôde dar-se a Paulo Caratão Soromenho uma remuneração simbólica, saída dos «direito de autor» obtidos de publicações e reedições póstumas. Mas só quem conheça de perto a natureza deste labor poderá avaliar quanto ele representa de devoção a uma memória prezada e aos estudos que Leite de Vasconcellos tanto ilustrou. Numa altura em que, com toda a justiça, se procuram assegurar condições materiais aos trabalhadores da Ciência, é justo realçar quanto ainda se lhes fica a dever neste benemérito empreendimento.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1967.

ORLANDO RIBEIRO.

LIVRO III

VIDA TRADICIONAL
PORTUGUESA

(O indivíduo, a família, a sociedade)

PRELIMINARES

Não há uniformidade na divisão da vida do homem em idades e nomes com que se designam. Cada autor, sua repartição e nomenclatura.

Em *Divertimento Erudito*, II, 1738, p. 123, apresenta-se a seguinte classificação:

Infância—até o 4.º ano;

Puerícia—até o 10.º, segundo os filósofos, mas, para os teólogos, até o 14.º nos machos e 12.º nas fêmeas;

Puberdade—até os 18 anos;

Adolescência—até os 22 na opinião de uns e 25 na de outros;

Juventude—até os 36 ou 41;

Virilidade—até os 50 ou 56;

Senectude—até os 65 ou 68;

Decrepitude—até os 98.

Outra classificação:

Periodo da lactação—até 1 ano;

1.ª *infância*—até os 7, época da mudança dos dentes ou 2.ª dentição;

2.ª *infância*—até os 12-14 anos, época da puberdade;

Adolescência ou juventude—dos 14 aos 19-20-25. Desde a puberdade até a época em que o corpo adquire toda a sua perfeição física;

Idade varonil ou viril—dos 19-20-25 aos 60;

Velhice—dos 60 em diante;

Decrepitude—é um estado.

Mocidade é o vigor próprio da juventude, que dura mais ou menos tempo, chegando, nalguns indivíduos, aos 30 anos.

EM TOLOSA:

Menino, a—Enquanto andam ao colo ou de gatinhas e até andarem por seu pé, com 2 ou 3 anos¹. E também, por delicadeza, até tarde.

Cachopo, a—Da idade em que já podem andar à puberdade, dos 2 aos 14-16 anos; «Este tem barba, já não é *cachopo*»:

Minha saia de baeta		<i>Cachopas</i> da minha rua
Solteira a hei-de romper:		São muitas, parecem poucas:
O mê amor é <i>cachopo</i> ,		São como as folhas das rosas,
Quero deixá-lo crescer.		Encobrem-se umas às outras.

De Lisboa me mandaram
Uma *sardanica* assada:
Comeram-ma no caminho,
Foi caso de *cachopada*.

(Tolosa).

Rapaz, rapariga—Seguem-se a *cachopo, a*, e são nomes que se lhes dão até casarem; desde que começa a puberdade até o casamento, idade que, às vezes, nos moços, coincide mais ou menos com o tirar-se a sorte para soldado (21 a 24 anos).

Ó <i>rapaz</i> aperta a faxe,		<i>Raparigas</i> duma cana,
Ó <i>rapaz</i> aperta-a bem:		<i>Rapazes</i> de can'a meia;
A faxe bem apertada,		Por causa das <i>raparigas</i>
Ó rapaz, parece bem.		Ficam (os) <i>rapazes</i> sem ceia.

Ó *rapaz*, toma cuidado,
Acualtela bem o fatinho,
Não queiras ser escovado
Co'alguma escova d'azinho².

(Tolosa).

¹ Em Bragança diz-se *raparigo*. Definiram este termo assim: «rapaz e rapariga ainda bastante novos para se atender à diferença de sexos.» Cf. *RL*, III, 68.

² Esta quadra diz-se ao rapaz que começa a dançar, aí pelos 16 anos. Também corre estoutra, em que aparece a designação de *gaiato*:

Deixem balhar o <i>gaiato</i> ,		Que traz poeira no fato,
Deixem-no adevertir,		Deixem-no assacudir...

Homem, mulher—Casados ou não, até os 30 anos.

Veterano—Solteiro que ultrapassa certa idade, pelo menos os 30; a mulher fica para *tia*. Dizem *veturano*.

Velho, a—Dependem da robustez; já aos 50 se aplicam.

Velhinho—Muito velho.

Velhote—Depreciativo.

VARIA

TRATAMENTO DADO ÀS CRIANÇAS.—Aos nomes das crianças do sexo masculino, filhas de famílias mais ou menos graves ou ricas, é costume, no Sul, antepor o apelativo *Menino*, que depois de uma certa idade (18, 19, 20 anos) é substituído por *Senhor*: *Menino Pio*, *Menino Jaime*. Às crianças do sexo feminino, se são de boas famílias, pode dar-se logo o título de *Dona*; às outras, se não são de famílias completamente baixas, dá-se o título de *Menina*, por exemplo, *Menina Lúcia*, título que se conserva até o casamento ou, nas celibatárias, até o declinar da idade, em que é substituído por *Senhora*. Como nos Romanos *Pupus* e *Pupa*, respectivamente antes da imposição da *toga viridis* e do casamento. Cf. Hübner, *Rom. Epigraphik*, § 21.

No Norte e Centro usam-se diminutivos: *Zêzinho*, *Antoninho*, *Mariquinhas*, *Luisinho*. Nas crianças do sexo feminino de famílias de distinção antepõe-se *Dona* ao diminutivo: *Dona Luísinha*. Também no Sul se pode dizer: *Menina Dona Mariquinhas*.

Às crianças do sexo masculino é costume chamar *minha menina*, por meiguice, e, paralelamente, *minha pretinha*. Cf. no alemão da Suíça *chind* (= *kind*), criança do sexo feminino, *filha*, por oposição a *filho* (Bergmann, *Deutsches Leben*).

Às vezes chama-se, por graça, a uma criancinha *minha velha*¹! Será por não ter dentes? Por isso é também uso dizer-se *meu amor sem dentes!* (Algarve, Lisboa).

Informa-me a minha criada Maria Caetana, da Mexilhoeira Grande, no concelho de Portimão, que também aí se lhe chama *minha carocha frita!*

¹ Pelo contrário, na Alemanha se se chama a uma criança *Altmännchen* ou *Altweilchen* ela envelhece. Cf. *Hndwb.*, s. v. «Altmännchen», col. 324.

Palavras designativas de pessoas de pouca idade:

cachopo, a (Beira);
 canalha, criança (Beira e Norte);
 catraio, a;
 criança (em geral);
 criança;
 fedelho;
 ganapo, a—rapaz, rapariga, quase sinónimos de gandulo; *ganapagem* (Bragança, Macedo, Mirandela);
 gandulo, a—rapaz, rapariga, até 10 anos. Aplicado unicamente até os 19 anos no sentido de garoto, larápio, etc. . . .
gandulagem (Bragança);
 garota—em bom sentido;
 garoto—diz, por modéstia, um pai, falando do filho;
 homenzinho;
 mancebo—em mau sentido diz-se *manceba*;
 miúdo, a;
 moço, a; moço pequeno, moça pequena (Algarve);
 pequeno;
 petiz, petiza;
 rapagão;
 raparigo—menino de colo (Bragança, Miranda);
 rapaz—em Miranda diz-se também *rapaza*;
 rapazelho;
 rapazete;
 rapazinho e rapazito;
 rapazote.